

Proto-História da Literatura Brasileira

A PROTO-HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA está, ainda hoje, inteiramente desconhecida. Quando os portugueses aportaram às nossas praias, após a descoberta de Pedro Álvares Cabral, no começo do século XVI, precisamente na manhã de 21 de Abril de 1500, só tiveram uma preocupação :- meter ombros à exploração da terra na ânsia infinita de grangear fazendas. Assim, percorreram-na ao longo da costa, desde os pampas do Rio da Prata, até à foz, e, além, do Rio Amazonas, até à embocadura do Oyapock. Nesse trecho, o litoral e o centro estavam povoados por numerosas tribus indígenas. Todas elas, aguerridas e valentes, eram oriundas de um mesmo tronco étnico, falavam uma só língua, tinham os mesmos costumes e estavam no mesmo grau de cultura neolítica. Sonhadores e fetichistas, possuíam mitos idênticos, celebravam festas religiosas e guerreiras, cantavam e dançavam ao som de músicas dolentes durante as **dabucuris**. Mas, embora assim, todas elas se desmembravam fragmentadas em aldeamentos aglutinados, distintos uns dos outros, com denominações múltiplas, etnologicamente características, como a recordar o desmembramento do **clan primitivo**, sob o nome coletivo de Tupis, como ostentam os seus **caxiris**.

Em conjunto, a vida social indígena é uma sequência de factos materiais, comuns, que o tempo vai desenvolvendo ao sabor de um processo evolutivo, natural, por demais lento. Daí por que a sua atividade psíquica é, ainda, uma modalidade primária do homem florestado, vivendo sem que o saiba, o decalque da própria natureza bravia, revoltada e desmensurada, que o cerca e o esmaga por todos os lados. Como a terra em que vive, nele tudo é grande, desde o ímpeto de sua valentia ousada e destemerosa, até a dedicação cega e fanática a que se dá de corpo e alma, nas suas afeições sentimentais. Livre, inteiramente solto, dono absoluto da selva, dos lagos e dos rios, não conhece outro Senhor, e todas as coisas e seres que se encontram nas matas e nas águas são de seu domínio. A liberdade plena é o apanágio da vida individual do índio, que ele realiza ao seu modo, integrado, porém, à comunhão **igualitária da tribu**. Leal até o sacrifício, ama sobretudo a mulher e os filhos, preso a uma fidelidade que desafia confronto, no que oferece, mau-grado o seu selvagismo, uma alta ressonância moral, em tudo semelhante ao sentimento de valor e bravura com que se exhibe, fatalista, desprendido e heróico. As suas concepções **literária, orais**, perdem-se no dédalo dos rios, na umbrosidade verde das florestas, no infinito azul dos céus, ao lado de um **fabulário** imenso, rico e original, que o põe, desde logo, em destaque pelo fundo anímico com que o seu pensamento vive e encarna os dramas brutais da natureza. Daí, por que, para ele, todos os seres são espiritualizados, nascam e vi-

vam no seio profundo das águas, no soturno medonho das matas, ou se pressintam no azul imáculo do Céu.

A história de sua própria origem é a de seus maiores, que um dia a viram surgir como um milagre da criação, arrancando-a do fundo revoltado de **Urubuquára**, a jusante da cachoeira, precisamente de dois enormes buracos cavados na pedra, pela erosão constante e violenta das águas. Do primeiro, à direita, desentupido, nasceu o índio **Bom**; do segundo, à esquerda, ainda entupido, nasceu o índio **Mau**. A lenda dessa singular origem íncola envolve, com o mistério da **fauna** terrestre e ictiológica, a mais bela e comovente epopéia do gênio criador selvagem.

O primitivo íncola, descendente do socalco da pedra mal emergida das águas da cachoeira, guarda, como uma energia atávica, ainda hoje, a força dos reboujos em que se banhou pela primeira vez. O índio de **Urubuquára** é, pelo plasma de sua constituição étnica, o famoso herói lendário, das lutas de **Kapoámo**, de cujo poema épico éle se faz guerreiro e vencedor. **Boi-uacú**,

o monstro sem pés, que anda coleando de rojo e de que descendem todas as **Boi-unas** e **Boi-tatás**, depois de pelear durante quatro dias e quatro noites, foi afinal abatido no cimo da **Serra do Tucano**, muito além de **Jacaré-Kapoámo**.

Esse alucinante poema fluvionico é o maior que nos oferece a natureza brasileira, quanto à valentia e resistência do **homo-brasiliensis**. Igual a éle, só avulta, em grandeza, a história da **língua tupi**, por isso que é com o seu domínio que se estabelece o poder político das tribus. É o **nheengatú** que forma a unidade étnica do pensamento aborígene, dá coesão e perpetuidade aos bandos, procurando fixá-los fora da vida nômade, prendendo-os ao solo pela criação e organização da família, construção de suas **maraoças** e constituição política do **Tuixauára**, regime em que ficaram as tribus no litoral e nos centros dos sertões, que povoavam, quando foi da chegada dos portugueses.

Prof. Adauto de Alencar Fernandes
(Rio de Janeiro)